

“AGORA E NA HORA DE NOSSA MORTE, AMÉM! ”: PRÁTICAS FÚNEBRES NO MUNICÍPIO DE JAGUARUANA-CE (1960-1980).

ANDERSON COELHO DA ROCHA¹

RESUMO

Nesse artigo temos por finalidade compreender as Práticas Fúnebres no município de Jaguaruana, cidade do interior cearense, localizada na microrregião do Vale do Jaguaribe, nesse recorte, a problemática foi direcionada para as representações dos ritos fúnebres para os entrevistados, buscando compreender como as pessoas que participavam dos velórios se comportavam em relação às práticas fúnebres. Para desenvolvermos tal problemática utilizaremos a oralidade e os registros fotográficos como fonte de pesquisa, buscando a partir dos relatos dos entrevistados, e do entrecruzando desses relatos, com as fotografias buscamos perceber como a população do município de Jaguaruana-Ce relacionava-se com a morte e o morrer, nas décadas de 1960-1980.

Palavras chave: Ritos Fúnebres, Velórios, Enterros

ABSTRACT

In this article we intended to understand the Funeral Practices in the municipality of Jaguaruana city of Ceará interior, located in the micro region of Vale do Jaguaribe in this crop, the issue was directed to the representations of the funeral rites for the respondents, trying to understand how people who attended the funerals behaved in relation to funeral practices. To develop such problems we use the oral and photographic records as a source of research, looking from the reports of respondents , and the crisscrossing of these accounts , with the photographs we seek to understand how the population of the municipality of Jaguaruana -Ce related to with death and dying , in the decades of 1960-1980 .

Key words: Rites Funeral , Wakes , Burials

¹Graduando em História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos-FAFIDAM/Limoeiro do Norte- Ce. Campus da Universidade Estadual do Ceará-UECE, e Bolsista do PET de História.

INTRODUÇÃO

Embora sempre presente em nossas vidas, os mistérios que cercam a morte acabam nos instigando e gerando vários sentimentos, tais como: a angústia, a incerteza e o medo do desconhecido. Pois, aqueles que se foram não relataram aos que aqui ficaram.

A confrontação do homem com a morte um sentimento de pânico e temor que vem a serem amenizados a partir da atribuição de significações que remetam a uma ideia da continuidade da existência humana, por meio de tais significados é que a sociedade organiza sua vida. Trata-se, portanto, aqui, de encarar a morte não como um fim, mas também como participante da construção social humana.

A morte tem um papel de grande relevância nas sociedades, pois a maneira como a coletividade humana se posiciona diante da morte e do morto tem um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva, e na transformação de uma tradição cultural.

Para o homem cristão a morte não representa o fim, ela seria apenas uma passagem, um marco de transição entre a vida terrena e a vida espiritual, significando assim, que o homem atribuiu sentido a sua passagem ao mundo espiritual, garantindo que seus últimos momentos fossem administrados de acordo com os rituais e sacramentos elaborados pela Igreja católica.

As atitudes diante da morte e dos mortos foram se modificando durante o curso do tempo. As formas que as pessoas se relacionavam com a morte, a preocupação com o pós-morte, a realização dos rituais, bem como o recebimento dos sacramentos, os cuidados com os preparativos fúnebres, e também seus medos e incertezas em relação ao além.

Assim, podemos observar que a morte sempre foi uma preocupação para os católicos. O indivíduo em vida deveria se preparar para o morrer, e após o seu acontecimento o homem morto passa a se encontrar num momento de liminaridade, sua transição para o seu destino final vai depender das suas atitudes em vida e dos rituais de passagem e das celebrações desempenhadas pelos vivos em sua memória.

Percebemos assim, a importância dada a morte e a salvação eterna, construindo assim um grande investimento simbólico e material destinados aos rituais fúnebres do *Bem*

Morrer, que em linhas gerais, configura-se no catolicismo como uma instância geradora de preceitos, regras, deveres do homem em relação ao sagrado. Que iremos abordar mais detalhadamente.

“ENTRE PRÁTICAS E FAZERES”: O MORRER E O VELAR EM JAGUARUANA-CE.

Hoje em dia tá tudo muito mudado, antigamente quando tinha gente doente o pessoal que morava mais próximo passava as vezes de dias observando, ajudava a cuidar do doente também, ajudava a preparar o velório, o enterro, e as coisas que tinha que ajeitar para enterrar né mesmo².

O relato acima é um trecho extraído de uma entrevista realizada com Dona Francisca, conhecida pelos vizinhos e amigos da comunidade de Volta Zona Rural do município de Jaguaruana pelo apelido de Dona Fransquinha. Segundo a mesma, a partir do momento que se notava a iminência da morte, o grupo social cuidava de preparar os ritos e sacramentos que seriam realizados para garantir a passagem da alma do falecido ao plano espiritual.

Segundo João José Reis (1991), no século XIX, a preocupação das pessoas em ter uma *Boa Morte*, fazia-se presente em todos os momentos da vida, os últimos momentos do indivíduo transformavam-se em um momento especial, onde os ritos e práticas fúnebres deveriam ser realizados. A morte passou então a ser ritualizada, a administração dos sacramentos, os cuidados com a preparação do morto, a veste mortuária e os preparativos para o velório, consistiam em conjuntos de práticas que deveriam ser bem administradas, pois garantiria a salvação da alma do falecido.

Primeira providência: preparar o defunto para o velório e tratar do funeral. O cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que a alma não ficaria por aqui penando. Cortava-se cabelo, barba, unhas. O defunto Baiano devia estar limpo, vestido e preparado para o velório, esse último encontro com os vivos. (REIS, 1991, p. 114).

Partindo da preparação do velório descrita por João José Reis (1991), podemos compreender um pouco sobre as providências que deveriam ser tomadas para realização do velório. Percebemos que os cuidados com o corpo eram de maior importância, podendo resultar na salvação da alma, ou um destino penando entre os vivos

² Francisca Carvalho Barbosa. Entrevista Realizada em julho de 2014, aos 84 anos.

Entre alguns dos cuidados e ritos que eram praticados no município de Jaguaruana-CE, durante o período de 1960 a 1980, notamos que os cuidados com o corpo, com as vestes mortuárias, os preparativos para o velório, a fabricação do caixão, a realização de missas e encomendação da alma do morto, faziam parte de todo o ritual fúnebre, e deveriam ser realizados na ordem preestabelecida, pois caso o contrário, comprometeria a passagem ao plano espiritual.

Dentre algumas das providências a serem tomadas para se ter uma *Boa Morte*, os ritos de separação e incorporação, tinham uma importante função no cerimonial fúnebre. Os ritos de separação, representavam práticas de expulsão da alma do morto da vida terrena, os cuidados com o corpo, o luto assumido pela família, e todo um conjunto de rituais destinados a desprender a alma da sua vida material, pois, caso algo a mantivesse presa a vida material impossibilitava sua incorporação no mundo espiritual. Já os ritos de incorporação, eram destinados a inclusão da alma no mundo espiritual, dentre os ritos pertencentes a essa categoria, a extrema-unção recobria o significado tanto da expulsão da vida terrena, como também sua incorporação no mundo espiritual.

Observamos que em Jaguaruana, as pessoas se preocupavam bastante com a administração do sacramento da Extrema-unção³.

A Igreja Católica celebra sete sacramentos: Batismo, Primeira Eucaristia, Crisma, Ordens Sacras, Confissão ou Penitência, Matrimônio e Extrema-unção. O sacramento católico é um ato ritual destinado aos fiéis, e destinado também a conferir sacralidade a certos momentos e situações da vida cristã, cada sacramento representa uma passagem, de uma situação social a outra.

O último sacramento deveria ser ministrado ao ser percebido o agravamento do estado de saúde, encontrando-se padecendo por uma doença, pois a Extrema-unção não deveria ser administrada uma segunda vez. A partir dos relatos dos entrevistados, percebemos era solicitado o sacramento da Extrema-unção.

Quando a gente notava assim, que tava bem doente, mais pra lá do que pra cá num sabe? Ai a gente ia pedir o padre pra dá a confissão e a absolvição, pois confessava e

³ A Extrema-unção é um dos sete sacramentos da Igreja Católica, esse sacramento deveria ser administrado nas pessoas que se encontravam a beira da morte, pois o mesmo perdoava os pecados e poderia resultar na recuperação física do doente, se assim viesse a acontecer.

dava a extrema-unção, ai a gente já ficava mais aliviado sabe, por que as vezes tinha uns que morria e nem dava tempo o padre ir na casa pra dar a extrema-unção.⁴

Com base na narrativa acima, podemos compreender alguns elementos relacionados aos cuidados com o recebimento do sacramento da Extrema-unção. A partir do relato de Dona Florença, moradora da comunidade de Afogados, Zona Rural do município de Jaguaruana, percebemos a importância dada ao sacramento nos momentos finais da vida.

O sacramento seria uma forma de preparar a alma para sua inclusão no mundo espiritual, sendo para os católicos, um momento muito importante, uma espécie de preparação inicial para a *Boa Morte*.

Além da administração do sacramento da Extrema-unção, depois de constatada a morte, dava-se continuidade aos ritos fúnebres, era chegada a hora da escolha da veste mortuária. No período de 1960 a 1980, as roupas mortuárias eram popularmente denominadas de mortalhas.

Vestia-se o morto de acordo com a veste do santo de sua devoção. Entre as mais comuns, pudemos perceber nos depoimentos dos entrevistados, a utilização de mortalhas que representavam o traje de São Francisco de Assis, de Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora da Conceição. Não obstante, caso o defunto fosse mulher, na narrativa de Dona Fransquinha analisamos o seguinte:

A mortalha era só cortada no pescoço, um pano marrom com a manga comprida e um cordão branco, igual o traje de São Francisco, e tinha também outra que usava mais mulher, que era azul com branco, igual o traje de Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora da Conceição.⁵

Na fotografia abaixo, percebemos que o defunto está vestido com a mortalha que representa as vestes de São Francisco de Assis, partindo do relato de Dona Fransquinha, e da imagem do defunto no caixão, podemos compreender como era a mortalha.

⁴ Maria Florença de Lima, aposentada, 86 anos, entrevista realizada em agosto de 2014.

⁵ Francisca Carvalho Barbosa. Entrevista Realizada em julho de 2014, aos 84 anos.



Fotografia 01: Defunto com as vestes de São Francisco de Assis⁶

Na fotografia acima, identificamos que o cadáver está vestido com a mortalha fúnebre, comumente a de São Francisco. Segundo João José Reis (1991) a utilização de mortalhas de santos fazia parte de um rol de objetos simbólicos que representava um apelo ao santo representado, para que dessa forma os mesmos intercedessem por aqueles mortos assim vestidos segundo Reis:

Os trajes de santos sugerem um apelo à proteção dos mesmos, e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o além. Vestir-se de santo representava o desejo de graça, imaginar-se perto de Deus, a roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração bem venturada. (1991, p. 124).

Na fotografia percebemos a presença de várias pessoas ao redor do caixão do defunto. Próximo ao caixão crianças e familiares se organizam próximo ao defunto, logo atrás percebemos a presença de amigos e conhecidos que participam da despedida do ente querido. A fotografia fúnebre faz parte de uma memória imagética que retrata a experiência do velório, sendo um recurso imagético que pode despertar diversas memórias sobre o que há representado na mesma.

Após os cuidados com a administração do sacramento da Extrema-unção e da escolha das vestes mortuárias, outras providências deveriam ser tomadas para dar

⁶ Arquivo pessoal de Maria de Lourdes de Lima, Jaguaruana-CE, a fotografia é do ano de 1980.

prosseguimento ao ritual fúnebre. Preparava-se o morto, cuidava-se de arrumar a casa e de providenciar os demais preparativos relacionados à cerimônia fúnebre, segundo Dona Fransquinha:

O meu pai trabalhava com isso, aí de vez em quando aparecia caixão pra ele fazer, muitas vezes ele ia fazer na casa do defunto mesmo, levava as tabuas, e ia pra fazer lá porque tinha o pessoal que ajudava, pra ser mais rápido. Enquanto fazia o caixão o pessoal colocava o morto em cima de uma cama, ou se não tivesse cama, colocava em uma esteira de palha mesmo, só pra não colocar no chão limpin.⁷

O relato de Dona Fransquinha traz subsídios importantes acerca da fabricação do caixão. A mesma cita que era comum o caixão ser fabricado durante o velório, enquanto o corpo estava sendo velado, os carpinteiros trabalhavam na fabricação do caixão, pois a fabricação do caixão poderia demandar horas.

Enquanto aguardavam a fabricação do caixão tratavam de colocar o morto em algum local para ser velado, Dona Fransquinha cita que as vezes o corpo era colocado sobre uma esteira de palha, ou no chão, caso não tivesse outro local para ser colocado enquanto aguardava-se o caixão.

No relato de Dona Isabel:

Enquanto o pessoal fazia o caixão, pregando as madeiras, outro pessoal ajeitava os tecidos pra forrar, era mais a mulher que cuidava dessa parte, de ver o tamanho do tecido e cortar, aí depois dava pro homem pregar, uns tecido era preto, pra parte de fora, e a parte de dentro a gente colocava um branquim, ou alvejado, cor clara, sabe, quem tinha mais condição infeitava mais, quem não tinha era assim que fazia.⁸

Dona Isabel descreve como eram realizados os preparativos do caixão. Segundo a mesma, o trabalho era realizado com participação das pessoas interessadas em ajudar, desempenhando algumas tarefas na fabricação do caixão, ou mesmo em outras providencias para o velório.

Quanto ao local onde acontecem os ritos fúnebres, ou seja, o velório, é o espaço que afluem ações em que podemos reconhecer a existência de uma estrutura social da comunidade católica. São oportunidades em que se assomam representações coletivas e sociais em torno do evento da morte e suas significações que apontam para aspectos relevantes da estrutura social.

⁷ Francisca Carvalho Barbosa. Entrevista Realizada em julho de 2014, aos 84 anos

⁸ Isabel de Oliveira Rocha, aposentada, 86 anos, entrevista realizada em agosto de 2014.

Outro aspecto interessante sobre os velórios na cidade de Jaguaruana-CE, é que na falta de caixão, havia um caixão destinado aqueles que não possuíam condições de comprar, segundo Dona Lourdes:

Tinha também o caixão das almas, era um caixão grande e todo preto, ele ficava lá na Igreja, quem não tinha condições de mandar fazer um, pedia ao Padre o caixão das almas, um da família ia buscar na Igreja, aí durante o velório e na hora do enterro ficava dentro desse caixão, só que na hora de enterrar colocava o morto no buraco só coberto com uma rede ou um lençol, e entregava o caixão na Igreja, antigamente tinha isso.⁹

No relato de Dona Lourdes a mesma fala sobre a existência de um caixão comunitário, sendo o mesmo destinado as pessoas quer por falta de condições financeiras não tivesse como providenciar um caixão. A mesma denomina o caixão de *caixão das almas*, e entre os demais entrevistados, os mesmos utilizam a mesma denominação.

O caixão comunitário, era de posse da Igreja o mesmo seria emprestado as famílias que não tinham condições de comprar um caixão, dessa forma, a Igreja buscava prestar assistência as famílias que não tinham condições de comprar o caixão. O empréstimo do mesmo era realizado a família pela Igreja, e após o velório o caixão deveria retornar à Igreja para que fosse emprestado a outras famílias.

Após a fabricação do caixão, e a arrumação da casa, era dado continuidade ao cerimonial fúnebre, que era seguido pelo velório. A partir dos depoimentos dos entrevistados, notamos que os velórios eram momentos para formação de espaços de sociabilidade.

Nos velórios realizados na cidade de Jaguaruana-CE, a realização dos velórios são oportunidades em que se formam espaços de sociabilidade. O velório é o momento em que familiares, amigos e vizinhos se reuniam para prestar solidariedade à família, e homenagem ao morto. João José Reis (1991) identifica que, esperava-se que pelo menos parentes e amigos mais íntimos estivessem presentes no velório.

Nos velórios ocorridos na cidade de Jaguaruana- CE, no período de 1960-1980, podemos observar que era comum a associação dos velórios a momentos de festa, o relato da depoente Maria de Lourdes nos apresenta detalhes:

Muita gente passava a noite todinha nos velórios, tinha, os velórios as vezes tinha tanta gente, gente que a família nem conhecia, mas que ia pro velório, tinha muita gente, uns ia pra rezar, outros ficavam jogando baralho, ou dominó, uns ficava tomando cachaça, e o pessoal mais novo ia namorar também¹⁰.

⁹ Maria de Lourdes de Lima, aposentada, 88 anos, entrevista realizada em julho de 2014.

¹⁰ Maria de Lourdes de Lima, aposentada, 88 anos, entrevista realizada em julho de 2014.

Dona Lourdes constrói a partir das suas lembranças, o espaço dos velórios que a mesma frequentou. Conforme a mesma cita, era comum a presença de muitas pessoas durante o velório, vizinhos, parentes, amigos e até mesmo desconhecidos.

No relato da mesma, ela descreve que era comum o consumo de bebidas alcoólicas, a realização de jogos, como baralho e dominó, e também era comum os namoros durante o velório, percebemos que a morte era um momento de sociabilidades. Dona Isabel traz o enredo de como acontecia um velório:

Aqui pra gente era a coisa mais difícil ter festa, ou mesmo se reunir muita gente de noite, aí quando tinha velório a gente passava a noite todinha na casa do defunto, pro pessoal era como um momento de divertimento, era até animando, lá em casa papai só levava a gente pra festa da Igreja, que era uma vez no ano, a coisa mais difícil, aí quando tinha velório, no meu tempo de moça, a gente encontrava uns rapaz e paquerava mesmo, acontecia muito, já hoje em dia quando eu falo, o pessoal nem acredita.¹¹

Conforme Dona Isabel, em meio a um cotidiano com poucos festejos, os velórios eram tidos como momentos de festas, é pertinente discutirmos a associação da morte com uma festa, que João José Reis (1991) identifica nos velórios Baianos no século XIX.

Em Jaguaruana os velórios eram menos festivos, talvez em virtude da condição financeira das famílias, ou mesmo por não ser um fator cultural predominante no município analisado. O ritual dos velórios, entretanto, implicava em rezas que eram conduzidas pelas mulheres e em anedotas que eram contados por homens e mulheres.

Percebemos assim que a associação de velórios e festas, era comum também no município de Jaguaruana, sendo entre a população localizada na zona rural um dos poucos momentos de sociabilidades, segundo entrevistados, os velórios reuniam pessoas que vinham de outras comunidades do município, fazendo com que o momento do velório se transformasse em um espaço de sociabilidade. *“Quanto mais gente vinha pro velório melhor, pois era animado, velório só que a família era desanimado, quando vinha muita gente era bom que o tempo passava num instante”*¹².

Se por um lado, os velórios com pouco público expõem a insignificância do defunto e, consecutivamente, de seus familiares, tornando-se assim, um indicador da aceitabilidade e do grau de inclusão social dos mesmos, por outro, grande público nestes eventos são indicadores da importância social do defunto.

¹¹ Isabel de Oliveira Rocha, aposentada, 86 anos, entrevista realizada em agosto de 2014.

¹² Maria de Lourdes de Lima, aposentada, 88 anos, entrevista realizada em julho de 2014.

Conforme Dona Lourdes, a companhia das pessoas no velório era uma forma de afastar a tristeza de uma noite acordado velando o morto, as visitas que chegavam durante o velório era uma forma de amenizar a imagem de morte como algo trágico. A presença de várias pessoas durante o velório tornava menos triste virar a noite enquanto se velava o morto. Pois as companhias das pessoas amenizavam a imagem do velório como espaço apenas de tristeza.

Durante todo o velório era comum a visita de várias pessoas, e muitas vezes a permanência das mesmas até a espera da saída para o enterro. Após o velório era chegado o momento da missa de corpo presente.

Segundo Gênio Nascimento (2007), ninguém sabe ao certo quando e onde surgiu o ritual da Recomendação (ou Encomendação) das Almas. Mas temos conhecimento de que em Portugal, desde a Alta Idade Média, essa tradição é praticada, existindo até os dias atuais em algumas regiões interioranas do país. No Brasil, veio com os jesuítas, por volta do século XVI, que a usava no processo de evangelização.

A encomendação das almas é um costume fúnebre que foi herdado da tradição mortuária Portuguesa. Costume que foi inserido na cultura fúnebre Brasileira, e que até hoje é realizado pelo catolicismo.

Assim sendo, nas horas finais do velório, quando se aproxima o momento do sepultamento, o sacerdote, ou se for o caso, na ausência dele, uma pessoa designada para dirigir o ritual. A partir dos relatos dos entrevistados, podemos compreender como era realizado esse ritual fúnebre no município de Jaguaruana-Ce. Segundo Dona Isabel:

Ai depois que acabava o velório a gente ia seguindo até a Igreja, e depois de lá rumo ao cemitério. Na Igreja era pro Padre dá a encomendação sabe? O Padre fazia a missa de corpo presente, e jogava água benta. Aí quando era depois a gente seguia tirando o terço até o cemitério.¹³

Na narrativa de Dona Isabel encontramos subsídios importantes acerca da realização da missa de corpo presente. Segundo a mesma, após a realização do velório, seguiam caminho para a Igreja, para que dessa forma, o Pároco realizasse a missa e desse a encomendação da alma.

A Igreja católica prescrevia que durante todo o ritual fúnebre as rezas não cessassem, pois segundo as liturgias cristãs, as rezas seriam recebidas como proteção para o espírito do morto, protegendo-o contra os maus espíritos.

¹³ Isabel de Oliveira Rocha, aposentada, 86 anos, entrevista realizada em agosto de 2014.

Após realizada a missa de corpo presente, era chegado o momento do enterro, no capítulo seguinte trataremos das práticas de enterramento, do luto e da missa de sétimo na cidade de Jaguaruana-Ce.

Um dos momentos mais interessantes relacionados aos ritos fúnebres do catolicismo brasileiro é o da missa do sétimo dia. Esse ritual tem estreita ligação com o luto, porque um de suas funções é, precisamente, a de delimitar o período de resguardo depois do ocorrido fatídico, em que sobrevém uma espécie de transformação da vida familiar.

A missa, como parte integrante e, talvez essencial do luto na tradição católica, consistindo, portanto, num marco simbólico divisório entre o episódio da morte e o retorno da normalidade do cotidiano da vida dos familiares.

Para Arnold Van Gennep, esse “é um estado de margem para os sobreviventes, no qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral”. (1978, p. 127). Nesse período de sete dias após a morte, a família não consegue ainda elaborar completamente o trágico sucedido e, portanto, a vida social fica desviada da normalidade. É o que percebemos no relato de Dona Isabel:

Tinha aqueles dias que a gente evitava sair de casa né, só saia pra fazer algo que não podia falta, pra comprar alguma coisa, ou resolver alguma coisa que não podia esperar. Nos primeiros dias nem botava a cabeça fora pra conversar nem nada, é como eu disse, ficava em casa, de porta e janela fechada. Aí no dia da missa de sétimo dia a gente ia pra Igreja, e depois a visita de cova.¹⁴

No relato acima, Dona Isabel descreve como se dava a rotina dos primeiros dias logo após a morte de um familiar. Os primeiros dias seriam os mais difíceis, evitava-se sair de casa em respeito ao luto. Dessa maneira, a missa do sétimo dia tinha a função de incorporar a vida de volta à normalidade, como sugere Van Gennep, reintegra-la em um novo estado, encerrando assim, o período simbólico do luto.

Não obstante a devoção popular que se formou em torno dessa categoria de evento fúnebre que é a missa de sétimo dia, vale lembrar que, há fundamentação teológica para a mesma, ou seja um respaldo bíblico, na qual a simbologia do número sete contribui para intensificar o ritual o ritual e tudo aquilo que se engendrou a sua volta que justifica a ação.

Segundo José Carlos Pereira:

¹⁴ Isabel de Oliveira Rocha, aposentada, 86 anos, entrevista realizada em agosto de 2014.

Na bíblia, a simbologia dos números atribuí ao sete e seus correlatos, os significados de “totalidade, plenitude, contemplação ou perfeição”. A referência ao número sete e seus derivados (setecentos, setenta, sétimo), aparecem em diversos livros, somando um total de 662 vezes, segundo o dicionário de Concordâncias Bíblicas (Sociedade Bíblica do Brasil, 1975, p. 955). Desses relatos, como por exemplo, a narração do livro de Gênesis (2,2), mostra que Deus levou sete dias para criar o mundo e, quando terminou, vendo que era bom, perfeito, descansou. (PEREIRA, 2008, p. 354).

Portanto, no paralelismo desta passagem com a missa do sétimo dia, simbolizava que aquela pessoa, após cumprir sua missão nesta terra, poderá agora também descansar. As missas de sétimo, cujo o propósito é o de consolar os familiares que, após essa cerimonia, retomam o decurso de suas vidas. É, portanto, um ritual, cuja função é tranquilizar os vivos quanto ao destino final dos mortos.

Hoje, o luto é vivido de forma pouco expressiva, discreta, na proximidade e particularidade de cada caso. Tudo isso porque a morte nos dias atuais, “*É empurrada mais e mais para os bastidores da vida social*”. (ELIAS, 2001, p. 19). Philippe Áries chegou a alertar para o desaparecimento do luto nas sociedades modernas e afirmou que hoje, “*só de tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso*”. (ÁRIES, 1977, p. 87).

Concordamos com Áries quanto ao desaparecimento dos símbolos exteriores, como supracitados, mas não com a eliminação do processo de elaboração da morte. Vimos que esse tempo resignifica e se adapta de acordo com a época e a cultura, porém, continua a existir como práticas inerentes à existência humana.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média até os nossos dias**. Tradução de Priscilla Vianna Siqueira. São Paulo: Francisco Alves, 1977.

_____. **O Homem diante da Morte**. 2ª edição. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

BERTO, João Paulo. **Liturgias Da Boa Morte E Do Bem Morrer: Práticas E Representações Fúnebres Na Campinas Oitocentista (1760-1880)**. (Dissertação de Mestrado), UNICAMP, 2014.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001

MORAES, Douglas Batista. **Bem Nascer, Bem Viver, Bem Morrer: administração dos sacramentos da Igreja em Pernambuco**. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2001.

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.

_____. **O cotidiano da morte no Brasil oitocentista**. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de e NOVAIS, Fernando A. (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, Ana Cláudia Anibal. **“Jesus, Maria e José minha alma vossa é”! Velórios e Enterros na Comunidade Jardim São José - Russas - CE (1970 - 1990)**. Monografia (Graduação em História) - FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte, 2010.

_____. **A Morte Pede Passagem: Ressuscitando Lembranças Dos Ritos Fúnebres Em Russas - CE (1930-1962)**, Dissertação de Mestrado, Dissertação– Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2013.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de

Cultura. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1997.

_____. **A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista.** Várias Histórias. Belo Horizonte, vol. 24, nº 39: p.255-272, Jan./Jun. 2008.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais:** nascimento do consumo nas sociedades tradicionais (século XVII-XIX). Lisboa: Teorema, 1997.

TAVARES, Thiago Rodrigues. **Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

VOVELLE, Michel. **As Almas do Purgatório ou o trabalho de luto.** Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Editora UNESP, 2010.